

# EM TORNO DE MARCEL PROUST

*Correio da Manhã – 18 de agosto de 1935.*

**M**arcel Proust não foi mais que um inteligente com grande visão do mundo e das coisas do mundo. O interesse que despertou foi devido quase que unicamente ao seu contato direto com a consciência do homem. Correspondeu a uma necessidade premente do nosso espírito dominado por um materialismo dogmático agnóstico que caracterizou quase todo um período autônomo da história. Sua obra revela a força de uma imaginação louca. É obra de um cerebral que sente a revolução nos espíritos. De um multiplicador de realidades absolutas. De um isolado. De um eterno torturado.

Ágil, de sensibilidade agudíssima, analista romântico, para ele a alma do homem em conflito com a alma do mundo era tudo, e tudo tirava desse conflito entre a realidade interior do homem e a realidade exterior do mundo que se projetava, refletindo no espírito humano. O que quer dizer que para Proust o microcosmos fazia-se reflexo do cosmos. Influência de parte do todo universal sobre o indivíduo isolado. Foi, como vemos, um escritor, para quem o mundo exterior só representava valor quando em ação direta determinava os rumos da existência, as diretrizes do pensamento. Através do homem, via o mundo real, chegava às causas determinadoras de nossa peregrinação terrestre, portanto, tinha o homem em si como realidade primária, como elemento único criador, como ponto de partida para um número indeterminado de direções.

Cada um de nós, para Proust, deve compenetrar-se de que é com a inteligência que aumentamos o nosso poder material e também que essa nossa inteligência, como refratora instável de nossa sensibilidade, sofre influência direta das coisas materiais. O homem age sobre o mundo tendo a sensibilidade como intermediária imprescindível, como ponte de passagem, como ponto de relação. Na inteligência e sensibilidade, Proust coloca toda a ação do cosmos sobre o microcosmos e mesmo do microcosmos sobre o cosmos. Acredita numa interpretação. Nada mais lógico.

Proust, que era ficcionista acima de tudo, divinizou o espírito humano. Acentuou o drama interior do homem como superando o drama intenso da natureza propriamente dita. Foi unilateral. Foi um quebrador do equilíbrio entre a parte corpo e a parte espírito? Estou ciente de que não. É de certo modo um caminho a seguir. Uma orientação exigida. Como explicar, porém, essa ascendência do espírito sobre a matéria? Proust explica pela desagregação contínua da personalidade. Ao passo que a matéria se conserva una e indivisível, o espírito fraciona-se, desagrega-se. Há uma dissolução da própria personalidade, como na novela pirandelliana. Há mesmo um dinamismo exaltado que age desagregadoramente. Uma insatisfação. Uma vontade incontida de expansão que não se nota nos personagens pirandellianos. Parece que o dinamismo da matéria organizada, que todo o materialismo da deslumbrante civilização do século que passou, que a civilização da máquina, vamos dizer, não consegue fazer desaparecer, de forma alguma, o dinamismo do espírito, do espírito que agita e cria, que subleva e revoluciona. Essa é a razão por que Proust em sua obra se mostrou um profundo dominador de espíritos, um completo dominador de homens. Ele penetrou na região sombria das verdades desconhecidas como pesquisador atento da alma do homem. Indiferente ao tempo. Olhando somente os estados de espírito. Nada mais.

Hoje, outra é nossa concepção. Estamos longe do mundo que Proust observou. Somos escravos do tempo. Nós acreditamos no domínio das massas, no determinismo físico ou social. Acreditamos em tudo que nos parece ser verdade. Tememos o absoluto e por isso procuramos o segredo do absoluto.

Há, em toda a parte, uma tendência para aniquilar a força que parte do homem que não tenha finalidade comum. Proust, já disse, foi um isolado. Viveu num mundo à parte. Sozinho. Independente. Ou melhor, viveu entre dois mundos. Recebeu ensinamentos de duas civilizações. Foi do século XIX, como foi do século XX, muito mais, porém, do século XIX, sem dúvida. Ele é um elo vigoroso que prende dois períodos autônomos da humanidade. Ao contrário de Victor Hugo, que acreditava na invariabilidade da personalidade, dominado pela ciência e pela cultura do século XIX, que acreditava na força do “eu”, na energia pessoal arbitrária na orientação de certos fatos, que acreditava na razão pura, isto devido ao século XVIII, Proust, ao contrário de Victor Hugo, em nada disso acreditava. Enquanto o autor de “Les Misérables” acreditava na eliminação da alma, uma vez que o ambiente em que vive o homem isso ordena, na supressão mesmo do espírito devido a condições imanentes do meio social, no aniquilamento da alma em virtude das necessidades crescentes do corpo, Proust virava-se serenamente para a vida interior. A diferença entre Hugo e Proust é de análise somente. O primeiro via o homem vivendo para fora. O segundo via o homem vivendo para dentro. Em ambos faltou equilíbrio. Faltou visão global. Faltou visão integral. E Proust, já no século XX, traz em sua obra aquela falta de harmonia, aquela idéia fixa de desagregação, de desdobramento, de dissociação de valores que tão bem plasmou o século passado. O unilateralismo dominou em ambos. Em Proust pelo menos do que em Victor Hugo. Em todo caso, tanto um como outro, pela análise, procuraram uma síntese que, infelizmente, não chegaram a alcançar. No mesmo erro em que caiu o poeta de “Les Orientales”, muitas vezes eliminando a alma como elemento dispensável, caiu Marcel Proust, quando multiplicava a alma. Para o primeiro, o universo estava na matéria visível. Para o segundo, o universo existia porque era sentido pelo espírito que via, apalpava, agia e transformava. Proust, no estudo do consciente, aproxima-se de Freud. Sofre influência decisiva do professor de Viena. Como vimos, na interpretação dos estados especiais de espírito, está a sua originalidade. Deixou-se porém ficar nos limites da personalidade. O que lhe interessava sobremaneira era a vida interior reflexa.

Neste ponto, se distingue de Luigi Pirandello, cuja única preocupação é a dissociação integral da personalidade humana indo até a loucura, até aos estados diagnosticados de patológicos. A diferença fundamental entre os dois é que Pirandello sempre lança a dúvida, isolando o personagem numa espécie de vácuo horrível. Ao passo que Proust nunca abandona o seu personagem. Protege-o, encaminha os seus passos, segue-o com os cuidados pueris de um pai amoroso. Bem diferente de Pirandello, Proust, conclui, não fica em meio da estrada. Como em Ibsen, nota-se em Proust um amargo sentido de tragédia. Pirandello de vez em vez é alegre. Proust como Ibsen são melancólicos. Evoquemos toda a sua produção literária e seremos obrigados a deduzir que os personagens de Ibsen, como de Proust, procuram livrar-se do fatalismo universal. A tendência de Proust pela dissociação é uma atitude audaciosa de defesa ante a tragédia de Frederico Nietzsche encarando toda a tragédia do pensamento do século XIX. Ele, Proust – aqui se distingue claramente de Freud, Pirandello, Hugo, Ibsen – procurava os estados de espírito que afirmassem alguma coisa, que servissem para colocá-lo em contato com o mundo exterior. Ele, Proust fazia do personagem um intermediário entre os dois mundos, entre os dois mundos que ele mesmo, Proust, representava em seu isolamento. Pelo deslocamento do espírito, ele procurava o “porque”. Reduzia a matéria a espírito e com esta redução lógica, até certo ponto, ele tentava espiritualizar a matéria e dominá-la em seus arrebatos de impureza com a pureza límpida do espírito virgem. Foi mais audaz que Freud e mais profundo que Hugo ou Pirandello. Igualou-se a Ibsen. Viveu entre a inteligência que o fazia compreender os homens e a sensibilidade que o fazia compreender a vida. O princípio da vida, o princípio causal da existência do homem e do mundo (universo em si) está assim na consciência de que existimos, de que vivemos porque sentimos a vida. Tudo reduz a uma consciência metafísica. O universo fica sendo apenas um produto de nossa existência interior, da chama de vida que dinamiza fantasticamente o todo infinito. Um produto dos nossos sentidos. Para ele, Marcel Proust, nada existe de definitivo, de permanente, de estável. A transitoriedade nasce da própria necessidade. O oposto produziria um recalco esterilizante da força do espírito. Na sua timidez de isolado eterno,

penetrou a fundo na alma do homem. Não precisou abandonar a intimidade do seu ambiente para chegar até as anormalidades causadoras dos fenômenos. Em seu abandono total do mundo, evocou e reproduziu o mundo. Observado à primeira vista, Proust parece em sua agitação ser um prolongamento do mundo exterior e tão intimamente ligado estava à realidade do todo universal que sua obra é um desdobramento contínuo em busca da perfeição. Acreditou na harmonia. Amou os descontroles da vida. Rebelou-se contra preconceitos. Mostra-nos Marcel Proust que seria grandiosa a vida, inebriante de felicidade o mundo, o indivíduo cheio de alegria se conseguíssemos, ao mesmo tempo, chorar e ri, gozar e sofrer, amar e odiar, se conseguíssemos sentir, abandonando as falsidades da moral utilitária, os contrastes assoberbantes do ser cósmico, afastar a realidade da razão, sobrepor o ser ao dever ser. A beleza está no imprevisto, na fatalidade. E o espírito do homem nada mais é do que um dominado pelo fatalismo do infinito. A beleza está no contraste. A realidade é o próprio contraste.